OS ALUNOS E A MOTIVAÇÃO

RENATA RICHELI FERREIRA

RESUMO
A motivação dos alunos desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem. Quando os estudantes estão motivados, estão mais propensos a se engajar ativamente nas aulas, a buscar conhecimento de forma autônoma e a superar desafios acadêmicos. Existem diferentes fatores que podem influenciar a motivação dos alunos, como o interesse pelo conteúdo, a relação com o professor, o ambiente escolar, as expectativas pessoais e as metas de aprendizagem. É essencial que os educadores estejam atentos a esses aspectos e busquem estratégias para manter os alunos motivados ao longo do ano letivo. Reconhecer e valorizar as conquistas dos alunos, oferecer feedback construtivo, promover atividades desafiadoras e estimulantes, criar um ambiente de aprendizagem positivo e inclusivo, e estabelecer metas claras e alcançáveis são algumas das maneiras de incentivar a motivação dos estudantes. Quando os alunos se sentem motivados, estão mais propensos a se dedicar aos estudos, a desenvolver habilidades de pensamento crítico e criativo, e a alcançar um melhor desempenho acadêmico. Portanto, é fundamental que os educadores cultivem um ambiente que estimule a motivação dos alunos, promovendo assim um aprendizado significativo e duradouro.

PALAVRAS-CHAVE: Habilidades; Motivação; Pensamento Crítico.

INTRODUÇÃO

Embora motivar os alunos possa ser uma tarefa difícil, as recompensas valem a pena. Os alunos motivados estão mais animados para aprender e participar. Simplificando: Dar uma aula cheia de alunos motivados é agradável para professores e alunos. Alguns alunos são automotivados, com um amor natural pelo aprendizado. Mas mesmo com os alunos que não têm esse impulso natural, um ótimo professor pode tornar o aprendizado divertido e inspirá-los a alcançar todo o seu potencial.

Uma Universidade que se preocupa em fornecer ao aluno um ambiente saudável, agindo de acordo com os princípios morais que o cercam se torna um instrumento de ensino e disseminação de cultura e conhecimento, construindo indivíduos em sua totalidade, consciente de sua liberdade, integrados com questões que o cercam e preocupado com sua responsabilidade social.
Segundo Vasconcelos (2012):

> O filósofo norte-americano John Dewey (1859-1952) defendeu fortemente os ideais de liberdade e democracia no ensino. De forte tendência pragmática e liberal, seus escritos defenderam uma escola essencialmente empírica, do aprender fazendo, da experimentação. Para ele o foco do ensino é o aluno e suas necessidades, é o compartilhar de experiências e a escola precisa criar espaços que estimulem a criatividade, o lazer e as descobertas. Seu pensamento foi âncora para o construtivismo e o escolanovismo, uma vez que para Dewey educação é a reconstrução da experiência. Influenciou o pensamento de seu aluno de pós-graduação Anísio Teixeira, impulsionando-o a divulgar sua obra no Brasil, marcando fortemente as bases do movimento da Escola Nova, (VASCONCELOS, 2012, p. 157)

Os alunos buscam aprovação dos professores e reforço positivo e têm maior probabilidade de ficar entusiasmados com o aprendizado se sentirem que seu trabalho é reconhecido e valorizado. Você deve incentivar a comunicação aberta e o pensamento livre com seus alunos para que eles se sintam importantes. Seja entusiasta. Elogie seus alunos com frequência. Reconheça-os por suas contribuições. Se a sua sala de aula for um lugar amigável, onde os alunos se sintam ouvidos e respeitados, eles estarão mais ansiosos para aprender. Um "bom trabalho" ou "bom trabalho" pode percorrer um longo caminho.
Professores com ensino de alta qualidade tendem a fazer e descobrir mais sobre seu

próprio ofício, extrapolando os limites de seu aprendizado e ensino, procurando os novos tópicos e maneiras de ensinar. No entanto, para atingir seu potencial máximo, o desenvolvimento profissional contínuo deve ser implementado em seus cronogramas.

Os professores receberam treinamento adequado sobre informações atualizadas e novas pesquisas sobre gerenciamento de sala de aula, sobre ferramentas tecnológicas emergentes para a sala de aula, novos recursos curriculares e muito mais, podem se tornar um fator de sucesso para suas escolas. O melhor desenvolvimento profissional é contínuo, colaborativo, conectado e derivado do trabalho com os alunos e da compreensão de sua cultura.

O desenvolvimento profissional é importante porque a educação é um campo em constante crescimento e em constante mudança. Isso significa que os professores devem ser aprendentes ao longo da vida para ensinar cada novo grupo de alunos.

O desenvolvimento profissional não apenas permite que os professores aprendam novos estilos, técnicas e dicas de ensino, mas também interage com educadores de outras áreas, a fim de melhorar seu próprio ensino. Embora alguns workshops curtos sejam eficazes na introdução de novos tópicos, os workshops mais eficazes são ministrados ao longo do tempo e envolvem atividades práticas e interação. Isso também permite que mais perguntas e discussões ocorram ao longo das apresentações. O desenvolvimento profissional contínuo é fundamental para os professores que desejam ser ótimos em seus trabalhos e oferecer o melhor aos seus alunos todos os dias.

Alguns alunos entram na sala de aula em desvantagem. Este tem sido um fato bem pesquisado e bem documentado. No entanto, os professores devem trabalhar para reduzir essa lacuna de desempenho para todos os alunos. A pedagogia culturalmente relevante e a integração de artes visuais e performáticas podem ser um fator que ajuda a diminuir o déficit de realizações. Este workshop oferecerá estratégias e situações da vida real nas quais a lacuna de resultados pode ser preenchida ao longo do ano letivo.

A INSPIRAÇÃO E A MOTIVAÇÃO

A inspiração é um processo mental fundamental, que de acordo com Bzuneck (2000) é o que impulsiona um indivíduo ou o leva a agir ou a mudar de direção. A motivação de uma pessoa pode ser exterior ou interior, como afirmado por Alves (2011), na motivação intrínseca, as pessoas se conectam com uma atividade específica, encontrando satisfação interna em praticá-la, enquanto na motivação exterior, as pessoas são impulsionadas por estímulos vindos do mundo externo, como recompensas e melhores avaliações. A situação pode motivá-lo para uma questão específica e desmotivá-lo para outras, sendo que o conceito de motivação é moldado pela percepção individual dos estímulos internos ou externos.

Galimard (1912) sugere que é a instituição educacional que transforma a criança em "escolarizada", ao adentrar o ambiente escolar e iniciar a aprendizagem da linguagem escrita: ler, escrever, contar, entre outros. A partir desse momento, metade de sua vida e de seus interesses girará em torno da escola. No entanto, o estudo vai de encontro à sua mentalidade, pois impõe à criança diversas restrições e exige dela uma disciplina excessiva. Galimard afirma que:

Existem duas razões que levam a criança a estudar: primeiro, ela é envolvida por um contexto social que impõe, com todas as suas sanções, seja punições ou recompensas. Ela "deve" estudar, é o próprio ambiente que a convence. Em segundo lugar, a criança estuda para seu professor ou professora. Esse aspecto afetivo é crucial. Estudam para agradá-lo, para ser elogiada ou amada por ele, ou porque ele é cativante e sabe tornar o ensino difícil agradável, ou ainda porque é exigente e rigoroso e não tolera erros. (GALIMARD, 1912, p.24,25)

Dessa forma, a motivação escolar não é estável o suficiente para permanecer inalterada ao longo dos anos, geralmente se transformando e gerando desmotivação na criança. A habilidade do pedagogo reside exatamente em nutrir a curiosidade infantil e responder de forma sábia e apropriada às suas perguntas (GALIMARD, 1912).

A falta de motivação no ambiente escolar não apresenta apenas um aspecto, mas requer uma análise cuidadosa do que está causando o baixo desempenho acadêmico. Cortella (1999) argumenta que o conhecimento pressupõe uma intenção, ou seja, não há busca por conhecimento sem um propósito. Um aluno motivado extrinsecamente realiza uma atividade ou tarefa visando recompensas externas ou sociais, preocupando-se principalmente com a opinião dos outros, realizando tarefas com o objetivo de agradar pais e/ou professores, buscando reconhecimento externo, elogios ou simplesmente para evitar punições (Pfromm, 1987; Deci, Vallerand, Pelletier & Ryan, 1991; Lens, 1994; Pintrich e Schunk, 2002). Por outro lado, um aluno motivado intrinsecamente é aquele cujo engajamento e persistência na atividade decorrem da própria tarefa, por ser interessante e gerar satisfação, esses alunos consideram as atividades como agradáveis (Vallerand et al, 1992; Pintrich e Schunk, 2002).

Ao invés de promover a motivação intrínseca dos alunos, a escola trabalha com base na motivação extrínseca, visando que o aluno evite punições ou críticas, buscando elogios e minimizando erros. Essa abordagem, aparentemente inofensiva, pode causar problemas mais profundos. Cortella (1999) argumenta que a escola desvaloriza o erro, atribuindo a ele uma importância exagerada. Isso não significa que o erro deva ser encorajado, mas sim incorporado como uma oportunidade de adquirir novos conhecimentos. Ser inteligente, conforme a visão de Cortella (1999), não é não cometer erros; é saber como aprender com eles e lidar de forma construtiva. Hoffmann (2009) destaca a importância de considerar as condições individuais de cada aluno, favorecendo assim a máxima oportunidade de aprendizado.

Considerando que o princípio do desenvolvimento social é válido para todos os indivíduos, para Vygotsky (1995), as condições biológicas não determinam o desenvolvimento humano, o que nos leva a entender que as funções psicológicas superiores, características da espécie humana, não são inatas no indivíduo, mas surgem a partir das relações sociais significativas. Vygotsky (2003) também destaca que o pensamento propriamente dito é moldado pela motivação, ou seja, pelos nossos desejos, necessidades e interesses.

Cada pensamento possui uma dimensão afetivo-volitiva. Portanto, estudar a motivação escolar sem considerar os aspectos afetivos não é válido, sendo inevitável analisar o contexto emocional, as relações afetivas e como o sujeito se posiciona no mundo (PAIVA E LOURENÇO, 2009).

Para Vygotsky (1991), a Escola deve se concentrar na motivação dos alunos, o que estimula e ativa recursos cognitivos. A motivação deve ser considerada essencial no processo de aprendizagem, desde que não seja excessiva. Motivações, tanto intrínsecas quanto extrínsecas, em excesso podem prejudicar os alunos, sendo crucial manter um equilíbrio entre ambas.

Bacas e Martínz-Dias (1992), em suas reflexões interessantes, levantam a seguinte questão: Existe algo singular que orienta e intensifica todas as condutas humanas, ou, pelo contrário, diferentes indivíduos possuem diferentes motivadores que direcionam suas ações? Em concordância com as ideias de Tapia e Fita (1999), ao afirmarem que uma única estratégia de ensino-aprendizagem não servirá para todos os alunos, de modo que, de acordo com suas características, alguns se sentirão mais motivados por uma estratégia específica. Levando em conta toda a subjetividade que permeia a vida humana, não existe uma fórmula mágica; a estratégia adequada para cada aluno é aquela que atende suas necessidades.

O OLHAR DO ALUNO VOLTADO PARA A EDUCAÇÃO

Quando a criança adentrar na vida adulta, estará imersa em um mundo governado por normas e tradições que precisam ser aprendidas e internalizadas ao longo de suas experiências, sendo assim, o ambiente escolar fornece um suporte facilitador para sua integração nesse contexto.

Galimard (1912) argumenta que a escola reflete esse mundo no qual a criança eventualmente se encontrará. Além de ser um reflexo, a escola já representa a sociedade, composta por colegas com os quais ela in-

teragirá em fases futuras da vida. Descobrir o outro não ocorre sem ansiedade ou conflitos; o primeiro contato com o ambiente escolar às vezes desencadeia reações intensas, e as dificuldades de adaptação podem perdurar por muito tempo.
Cortella (1999) defende que há momentos em que o ambiente físico e simbólico da sala de aula se assemelha, para os estudantes, a um local de culto involuntário, incluindo a disposição espacial. Isso nos faz refletir: os alunos não gostam da escola ou das aulas?

Há todo um mundo para explorar, e nós os confinamos por quatro horas ou mais dentro de uma sala, em móveis desconfortáveis de madeira, sem muito movimento e em silêncio. Enquanto estão lá, tentamos ensinar coisas "muito interessantes". [...] E eles não apreciam muito; preferem, se pudessem escapar, passear, entre outras atividades (CORTELLA, 1999, p. 118).

Marques e Castanho (2011), em suas pesquisas, indicaram que a percepção dos alunos sobre o ambiente escolar apontou para a dificuldade da escola em lidar com a diversidade e as diferenças, o que resulta em um descompasso entre seus colaboradores e seus usuários. Eles também sugeriram que a efetiva criação de condições de igualdade e legitimidade no acesso a uma educação de qualidade traria sentimentos mais positivos e satisfação por parte dos usuários, desde que resultassem em processos educacionais mais significativos.
No que diz respeito às práticas pedagógicas, há muitos indicadores que apontam para a sobrecarga de tarefas e lições de casa. Os alunos expressam cansaço, indicando um esvaziamento dos conteúdos na execução das tarefas.
Esse cansaço percebido pelos alunos, juntamente com outras situações desmotivadoras no ambiente escolar, transforma, de acordo com Souza (2009), o espaço e o tempo da aula em um cenário de conflitos que consomem o tempo que deveria ser dedicado ao ensino e à aprendizagem. Boruchovitch (2009) destaca a importância de tornar a sala de aula um ambiente acolhedor, despertando no aluno o sentimento de pertencimento.
É crucial que o professor crie um ambiente onde o aluno se sinta integrado, suas dúvidas sejam legitimadas e seus pedidos de ajuda sejam acolhidos. A motivação não é apenas uma característica inata do aluno, é também influenciada pelo professor, pelo ambiente da sala de aula e pela cultura escolar. Segundo a mesma autora, entre as diversas formas de promover a motivação, a mais importante é que o próprio professor seja um modelo de pessoa motivada.
A maneira como o aluno percebe o ambiente escolar está estreitamente ligada à sua motivação acadêmica, sendo que, conforme mencionado anteriormente, a aprendizagem e a motivação são inseparáveis. Marques e Castanho (2011) realizaram uma pesquisa sobre a visão que os alunos têm da escola, na qual foi observada uma resistência ao ambiente escolar por parte dos discentes. Os alunos apontaram a antipatia por parte dos professores e agentes institucionais, além da falta de respeito mútuo. Os participantes sugeriram que os professores enfrentam condições de trabalho difíceis e que nem todos ensinam conforme gostariam. Ao frequentar a escola, os alunos depositam nela a esperança de um futuro melhor, mas muitas vezes não conseguem aprender e acabam desenvolvendo atitudes negativas em relação à escola e aos docentes, comprometendo as aulas.
É importante destacar o otimismo ingênuo atribuído à escola, que se esconde sob um discurso idealizado, onde, segundo Cortella (1999), o educador se assemelha a um sacerdote, com uma missão quase religiosa e, portanto, portador de uma vocação. Em sua relação com a sociedade, a escola é vista como uma alavanca de desenvolvimento e progresso. Esse otimismo valoriza a instituição escolar, mas é ingênuo ao atribuir-lhe uma autonomia absoluta para resolver problemas sociais que não foram originalmente criados por ela.
A divergência entre o universo vivencial dos alunos e dos professores é evidenciada pela diferente avaliação que cada grupo faz da escola. Cortella (1999) afirma que se fala muito sobre os alunos, concluindo que “eles não querem saber de nada” e “não gostam

da escola". No entanto, isso não é verdade; quase todas as crianças gostam da escola, mas talvez não apreciem tanto as aulas.

É possível observar a alegria com que chegam, a algazarra nos portões, os gritos no pátio; de repente, toca o sinal e vão cabisbaixas para a sala de aula, onde permanecerão quietas (à força?). Toca o sinal do intervalo, saem correndo, eufóricas, até arriscando a própria segurança; terminado o intervalo, retornam melancólicas. Hora de ir embora porque as aulas acabaram ou faltou um professor? Não querem ir; ficam pelos corredores e portões rindo, brincando e conversando. Precisamos mandá-los embora, pois adoram a escola (CORTELLA, 1999, p. 117).

Essa observação é corroborada pela pesquisa de Marques e Castanho (2011) nas queixas dos alunos. Eles mencionaram o baixo investimento do professor, materiais inadequados, dinâmica de aula desfavorável à aprendizagem e distanciamento afetivo entre professor e aluno, bem como com o conteúdo. Muitos alunos afirmaram que aprenderiam mais caso mudassem de escola, evidenciando a insatisfação com a instituição que frequentam. Isso mostra que a escola não atende às suas expectativas, sendo alvo de críticas, raiva, descaso ou desconsideração.

O professor chega, manda abrir o caderno, pega o giz, alguns nem falam boa tarde e já começam a passar lição. Temos que copiar tanta coisa que a mão fica doendo. Não temos aula porque, às vezes, eles não falam nada, só passam lição e mandam copiar a página, ficamos copiando no caderno, é muito chato, dói o braço (MARQUES E CASTANHO, 2011, p. 7).

Tapia e Fita (1999) afirmam que a motivação dos alunos é fortemente influenciada pelo clima e ambiente vividos na escola, pelas normas de funcionamento e pelos valores refletidos nas ações dos professores, tanto individualmente quanto em equipe.

É de extrema importância que o corpo docente trabalhe para criar um ambiente que incentive o interesse pelo estudo. A aprendizagem envolve interação com o meio, captando e processando estímulos externos. O clima escolar é um fator crucial na motivação e desempenho dos alunos, e a cultura de cada escola impacta o rendimento dos estudantes e da instituição. "Trata-se de criar um ambiente educativo que estimule nos alunos sentimentos de competência e controle pessoal que resultem em sucessos" (TAPIA E FITA, 1999, p. 116).

Sobre as práticas educacionais, há inúmeros indicadores que mencionam a repetição de tarefas e a quantidade excessiva de deveres de casa.

A motivação humana é notada desde os primeiros anos de vida, sob diversas formas. O bebê que busca saciar sua fome, somada ao conforto de um colo quente e acolhedor, demonstra ao mamar ou beber na mamadeira, possuir uma grande motivação, através de seu instinto e da fisiologia que lhe exige a nutrição e os cuidados, expressos pelo choro, que às vezes são intensos e fortes, e pelos movimentos mais abruptos dos braços e pernas. Em outra fase, cujo desenvolvimento permite uma certa independência nos movimentos de locomoção e manipulação de objetos, observam-se outras possibilidades inerentes ao tipo de motivação da criança. No brincar, uma circunstância especial do cotidiano infantil, encontra-se uma rica fonte de informações sobre seu mundo interno: suas emoções e pensamentos.

Conforme Bzuneck (2000, p. 9) "a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar de curso".

A motivação pode ser compreendida como um processo e, como tal, é aquilo que provoca ou incita uma conduta, que sustenta uma atividade progressiva, que direciona essa atividade para um objetivo específico (BALANCHO e COELHO, 1996).

Nesse sentido, NOT (1993) afirma que "toda atividade requer um dinamismo, uma dinâmica, que se define por dois conceitos: o de energia e de direção". No campo da psicologia, esse dinamismo tem sua origem nas motivações que os indivíduos podem ter. Portanto, observa-se a forte presença de

motivação através de uma determinada atividade, presente em uma criança de pouca idade, aos dois anos, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito educacional, a questão da motivação é uma preocupação constante que impacta diretamente os participantes envolvidos no processo de instrução e de aquisição de conhecimento. É um desafio significativo a ser enfrentado, uma vez que a sua ausência é considerada como o principal fator associado ao insucesso acadêmico.

A ligação entre a aquisição de conhecimento e a motivação vai além de ser apenas um requisito preliminar para adquirir novas capacidades, pois é perceptível uma interligação, dado que a motivação pode influenciar a aprendizagem e o desempenho, ao passo que a própria aprendizagem pode impactar positivamente a motivação.

A aprendizagem que tem significado transcende a mera acumulação de informações, constituindo-se como um processo que gera alterações no comportamento do indivíduo, nos seus interesses futuros, na sua personalidade e nas suas atitudes. Ela não se restringe a meramente adquirir conhecimento, mas sim influencia profundamente o sujeito em sua totalidade. A motivação do discente é um elemento crucial no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que o desempenho escolar não pode ser totalmente explicado apenas por variáveis como inteligência, contexto familiar e situação socioeconômica.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Lei 9.394. Brasília, DF, 1996.

DOLNIKOFF, M; SCHUCK, N; NASCIMENTO, J.P.; SARTÓRIO L.A.V. Uma reflexão histórica sobre a formação do professor In: NARDI, R.G.; LOPES. M.C.R; 2007.

GANZELI, Pedro. Administração e Gestão da Educação: elementos para discussão. In: BITTENCOURT, Agueda Bernadete (Org) et al. Estudo, Pensamento e Criação. Campinas, SP: Graf. FE, 2005, vol. II - 3v, p. 13.

HANSEN, J.H. (Orgs.) Identidade docente: uma construção entre saberes e práticas.

KRAMER, Sonia. Currículo de Educação Infantil e a Formação dos Profissionais de Creche e Pré-escola: questões teóricas e polêmicas. In: MEC/SEF/COEDI. Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil. Brasília-DF. 1994.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e aprendizagem da profissão docente. Brasília: Líder Livro, 2012.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Textos sobre educação e ensino. São Paulo: Morais, 1992.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à Educação do Futuro. 4. ed. (T beres necessários à Educação do Futuro rad. Catarina E. F. da Silva e Jeanne Sawaya) São Paulo/ Brasília: Cortez/ Unesco, 2001. 118p.